

(4)

Apoio / ensaios

"Uma mulher portuguesa"

Capitula



Lisboa, 21 de Julho de 1979

Senhora Engenheira,

Leia, não é uma carta anónima, não o é pelo menos com as conotações que esta palavra costuma ter. É, sim, uma carta que eu não assino com o meu nome, porque quero conversar um pouco consigo, sem deixar a impressão de que o que quero é tornar-me notada.

Mas, não posso deixar de lhe escrever. Desde ontem, em que vi o "Em questão" que falar-lhe se me tornou quase obsessivo. Decidi-me, pois, arriscando-me a não ser lida, porque o seu tempo se tornou insuficiente. Mas escrevo-lhe porque lhe quero dizer do prazer que me deu essa entrevista. Dei comigo a pensar se o meu pensamento era eco do que dizia ou se o que dizia era eco do que eu pensava.

Pelo Governo têm passado tecnocratas, políticos e apolíticos(?) mas nenhum foi capaz de dizer esta coisa boa e bonita "de não estar enfeudada a nenhum ismo, residindo a questão fundamental ~~As~~ polaridades: ricos e pobres.

Deus, como é maravilhoso ouvir isto da boca de alguém que vai governar, nem que seja só por 100 dias!

Quando disse que "em democracia um réu não devia ser condenado sem antes ser ouvido, teve, talvez esperança (eu também) de que as pessoas fossem permeáveis à sinceridade das suas intenções e à honestidade que a entrevista demonstrava. Foi mesmo a única vez em que o seu sorriso fugiu para dar lugar a uma grande firmeza: "não gosto de falar de mim, mas eu sou.....". Isto dito perante milhões de expectadores cria responsabilidades e devia socegar os inquietos. Afinal, parece que não, às pessoas quando querem ser surdas não vale a pena falar-lhes.

Será isto uma projecção? Será que do ponto de vista da psicanálise a informação que este facto nos dá é realmente valiosa? Oxalá não fosse, mas é preciso não desviar os olhos e ter coragem para "ver a evidência".

Mas não lhe vou tomar mais tempo, só lhe quero dizer que estou contente, muito contente por no Governo estar alguém com a sensibilidade duma mulher e a coragem e a inteligência dum homem.

Eu tenho uma grande esperança em que, como dona de casa, vai arrumar este país tão desarrumado. Mesmo sem ser no sentido conotativo, a arrumação e a limpeza são urgentes. Sei que no seu programa está a descentralização que tornará possível o regresso dos imigrados que se espalham na Grande Lisboa. Mas enquanto se não cumpre, seria preciso aplicar medidas que, embora um pouco duras ao princípio, fossem interiorizando certos conceitos, sobretudo nos provincianos que pensam que a liberdade é fazer o que lhes apetece, sem peias, e que uma vez chegados a Lisboa se sentem na pele de D. Afonso Henriques, O Conquistador. Sei o valor que têm essas normas interiorizadas, quando mo ensinaram crianças france-

sas que acompanhei quando estive em Paris "au pair".

É por isso que eu, que me afastei do catolicismo praticante, tenho sempre confiança em quem é educado catolicamente, porque há certas noções que ficaram tão profundamente gravadas que não ^{há} nenhum rio da vida que as leve.

Desejo-lhe o melhor

UMA MULHER PORTUGUESA



Lisboa, 2 de Agosto de 1979

P.S.

Esta carta não seguiu, mas faço-a seguir agora, juntando-lhe este post scriptum para lhe pedir que não desiluda tantas mulheres portuguesas que confiam em si

Os jornais dizem e desdizem, mas onde está a verdade?

Entretanto, essa admiração pelo Samora Machel começa a inquietar outros que não só aqueles que querem o poder. Não deixe essa inquietação alastrar, é ^{uma} arma que é preciso tirar-lhes das mãos.

Com uma idade e uma formação básica próximas das suas, não compreendo que se possa admirar alguém que se tem revelado um ditador intolerante, um assassino frio, um leader da violência. Mas... eu também não entendo que se crucifique toda uma geração em benefício de gerações vindouras, mesmo que esse benefício fosse provado. Que direito têm eles de ter mais acesso à felicidade? Um pouco a cada um, agora e depois e, entretanto, que se vá conservando e respeitando o que são dádivas de Deus: a vida, a liberdade, o direito que cada um tem de ser o que é, quando não é contra estas coisas. 2000 anos de cristianismo não conseguiram ainda uma sociedade justa, porque a violência entrou muitas vezes no seu caminho, como é que a violência pura o pode fazer? Um ódio gera outro e a cadeia vai-se tornando cada vez mais forte.

Sabe tudo isto melhor do que eu, mas este foi um segundo impulso para lhe falar. Virá o 3º? Parece-me que não espero e vou mesmo mandar esta carta

Que Deus a ajude e nós todos também

Tanta coisa para fazer e perder-se tanto tempo em discussões estéreis! Pena, não é?

Deve ser o mais difícil de todo o seu trabalho, isto de forrar o seu gabinete de matéria anti-som, anti-jornal, anti-boato anti tudo, para poder realizar em paz e sem revoltas.

Os meus melhores desejos

UMA MULHER PORTUGUESA